

Ao OS VERBOS EXISTENCIAIS: UM ESTUDO DIACRÔNICO¹

Iane Siqueira Correia (UFRPE/ UAST)
iane_correia@hotmail.com

1. Introdução

É importante destacar que a mudança linguística ocorre antes e mais rapidamente na fala, dessa forma, pode ocorrer algumas preferências dos falantes pelo uso de verbos diferentes em cada tipo de contexto (escrita e oralidade) e isso pode ser explicado pelo fato de que a língua escrita é normalmente mais conservadora do que a língua falada e o contraste entre as duas pode nos levar a perceber fenômenos inovadores em expansão na fala e que não entraram na escrita. (cf. FARACO, 2007, p.24-26). Mas muitas das variantes surgidas não chegam à condição de mudança. Com isso, a mudança linguística ocorre quando uma forma variante coexistente sobrepõe-se a outra. Esta asserção confirma o pensamento de Faraco (2007, p 13):

“[...] nem toda variação implica mudança, mas [...] toda mudança pressupõe variação, o que significa, em outros termos, que a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade, embora nem todo fato heterogêneo resulte necessariamente mudança”.

Outro fator importante que pode contribuir para uma mudança sintática, dessa forma, não podemos deixar de destacar, é que existem fatores intra e extralinguísticos que podem contribuir para ocorrer as mudanças, ou seja, fatores internos e fatores externos, porém aqui nos deteremos às causas internas da mudança, por conta da delimitação da nossa pesquisa.

As construções existenciais, também chamadas impessoais, caracterizam-se sintaticamente por não selecionarem sujeito. Essas construções descrevem a existência de um objeto ou de um ser animado em algum espaço físico. Como definição para os verbos existenciais Silva (1996, p. 186) pontua, “(...) o verbo que ocorre em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial”.

Ex.: 1. (a) *Tem/ É/ Há/ Existe* muito prédio em Recife.

Na gramática gerativa (MATEUS, 2004), os verbos existenciais são os verbos com sentido de existência que selecionam um argumento Tema, observe:

Ex.: 2. (a) [Deus] **é**. (argumento tema = Deus)

(b) [Os Fantasmas] não **existem**. (argumento tema = os fantasmas)

(c) **Existe** [muito prédio] em Recife. (argumento tema = muito prédio)

Sabemos que alguns verbos existenciais não surgiram originalmente com este sentido, e, sim, foram culminados a adquirir o sentido de existência. Como alguns estudos revelam (RIBEIRO, 1996), os verbos em questão (*ser, ter e haver*) coocorriam em contextos semelhantes durante certo período de tempo no português arcaico (PA), e realizavam as construções existenciais. Esses verbos podem ser vistos em construções existenciais como auxiliares verbais por não estarem associados a atribuição de papel temático. A interpretação da estrutura existencial depende essencialmente dos traços lexicais associados ao verbo. Tendo isso em vista, Ribeiro (1996) considera que *ser/ter/aver* se assemelham por terem determinados traços característicos de auxiliares verbais nas construções

¹ Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

existenciais. O que leva a crer que o traço de auxiliar acaba sendo uma generalização sobre os verbos existenciais.

Porém, essa significação existencial de alguns verbos foi surgindo no decorrer do tempo, a exemplo do verbo *haver*, que possuía o conteúdo semântico de posse, mas foi se esvaziando no decorrer dos anos. Segundo Mattos e Silva (2002), o processo de perda dos campos de atuação do verbo *haver* já vem se desenrolando desde o português arcaico, quando *haver* começa a deixar de atuar como o verbo de posse e adquire uma significação existencial, passando depois a exercer o papel de um verbo funcional ou auxiliar. A partir daí aparece uma concorrência entre *haver* e *ser* nas construções existenciais.

No português brasileiro (PB), *haver* perdeu também sua posição de auxiliar, restringindo-se a construções raras e como verbo existencial, *haver* também perde sua acepção na língua falada. Esse processo de perda de campos de atuação de *haver* já vem se desenvolvendo desde o PA, quando *haver* começa a deixar de ser verbo de posse (RIBEIRO, 1996). Já em relação ao verbo *ter* não há informações sobre suas primeiras ocorrências como verbo existencial, mas em suas observações assistemáticas, retiradas de *Os Lusíadas* (Camões, 1572), a autora encontra construções com *ser/ter/haver* como existenciais:

3. (a) Um Rei, por nome Afonso, *foi* na Espanha. (Lus. III, 23) (= existiu)
- (b) ... e assim caminha para a povoação, que perto *tinha*. (Lus. V, 29) (= existia)
- (c) Que aqui gente de Cristo não *havia*. (Lus. I, 102) (= existia)

No PA, o verbo *haver* existencial superou o etimológico *ser* (*na cidade d'Aconha foi hũ bispo de gram santidade./ Non avia padres santos*) (cf. MATTOS E SILVA, 2002). A superação do *haver* existencial sobre o *ser* existencial pode ser percebida ainda hoje, tendo em vista que dificilmente encontramos um falante do PB usando o verbo *ser* em contextos existenciais na escrita, embora se possa detectar facilmente o *ser* existencial em contextos da oralidade, como mostra Gonçalves (2007) em pesquisa feita através da fala de moradores da cidade de Vitória da Conquista-BA.

Ribeiro (1996) relaciona essa característica locativa nas sentenças com a propriedade de o verbo *ser* ou não auxiliar em português, e, para ela, a perda do traço locativo nas construções locativas levaram a exclusão de *ser* das estruturas existenciais.

A partir desses achados, buscaremos investigar os “passos” da gramaticalização dos verbos existenciais (*ser*, *ter* e *haver*) no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, partindo de um arcabouço formal (cf. CHOMSKY, 1981). Assim como, considerando o processo de mudança sintática dos verbos existenciais, este trabalho teve como ponto de partida investigar o desenvolvimento diacrônico dos verbos existenciais, mais especificamente, os verbos *ser*, *ter* e *haver*, no Português Brasileiro (PB). Para tal, foi realizada uma leitura prévia que aborda a problemática que analisamos.

E para uma melhor observação do fenômeno, propusemo-nos a analisar os verbos existenciais, com dados do *corpus* do projeto nacional, com coordenação geral do Professor Ataliba Teixeira de Castilho (USP), PHPB (Para História do Português Brasileiro), da equipe regional de Pernambuco, sob coordenação da Professora Valéria Gomes (UFRPE), com materiais cedidos pelo coordenador do grupo e também pelo Professor Cleber Ataíde (UFRPE) e pelo também Professor Marlos Pessoa (UFPE). O *corpus* é composto por cartas oficiais e particulares. Dentre esse material, foram selecionados dados de 117 cartas oficiais e particulares dos séculos XVIII, XIX e XX, levando em consideração tanto orações principais, quanto orações subordinadas. Para análise desses dados, utilizamos o aparato teórico da Teoria Gerativa, no seu modelo de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981 e 1986), e, para quantificação de dados, utilizamos a teoria da variação e mudança linguística (cf. LABOV, 1972).

Esta pesquisa foi feita através do método indutivo e o método de procedimento da pesquisa foi o comparativo. Sendo assim, através da análise dos dados empíricos obtidos, tentamos constatar

variações/mudanças no português brasileiro, no que se refere aos verbos existenciais “*haver*”, “*ter*” e o “*ser*”.

Ainda se tratando de método de procedimento, utilizamos também o método estatístico, uma vez que, montado o *corpus*, fizemos um levantamento dos grupos de fatores linguísticos e uma codificação dos dados, para proceder a uma análise quantitativa dos dados. Portanto, a pesquisa segue-se dividida dessa forma: (i) revisão preliminar da literatura com um breve estudo sobre a gramaticalização dos verbos, (ii) análise do *corpus* e (iii) observação do posicionamento do locativo das sentenças, assim como a análise da gramaticalização dos verbos existenciais; (iv) observação do *corpus* e, por último, (v) indicação das estruturas em que as formas verbais em estudo aparecem e análises pelos estudiosos em questão e seus resultados, assim como a (vi) análise e o contraste entre os nossos “achados” e os de outros teóricos.

2. Resultados e discussão

Retiramos do *corpus*, cartas oficiais e particulares, todas as sentenças que envolviam os verbos *ser*, *haver* e *ter* no total foram analisadas 117 cartas, e posteriormente selecionamos somente aquelas em que os verbos apareciam em contextos existenciais, a fim de observar o fenômeno das construções existenciais diacronicamente no português pernambucano durante os séculos XVIII, XIX e XX, com o objetivo de mostrar as formas iniciais de significação de cada um desses verbos e como se deu/ se houve o processo de gramaticalização, a exemplo do verbo *haver* ou *habere*, que, como exposto na introdução, indicava posse no PA, mas foi se esvaziando desse conteúdo no decorrer dos anos, adquirindo assim a significação existencial, como é observado no Português Brasileiro (PB).

O processo pelo qual o verbo *haver*, assim como os outros verbos passaram, foi o processo de gramaticalização. Este processo dá-se por meio de etapas de transformação, passando pelas seguintes fases (cf. ROBERTS, 1996 *apud* RIBEIRO, 1996): (i) verbos plenos, (ii) construções predicativas, (iii) formas perifrásticas e, por fim, (iv) aglutinação.

Dessa forma, a gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical passa a assumir funções diferentes de sua acepção inicial, podendo mudar de categoria sintática, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer. No caso específico de nossa pesquisa, o item lexical (verbo) desenvolve-se historicamente passando por um processo de perda de seu conteúdo lexical, juntamente com um esvaziamento semântico em que seus sentidos específicos se gramaticalizam em outros contextos, conforme definição empregada por Grimshaw (1991) *apud* Floripi (2009, p.167). E ao passo que este processo de esvaziamento toma força, os verbos predicativos com sentido mais geral transformam-se em quase um elemento funcional como um verbo auxiliar. De acordo com Guilherme (2009, p 41):

“[...] a teoria da gramaticalização entende que a língua se desenvolve num determinado sentido, em que tendencialmente as unidades lexicais se tornam gramaticais e considera a gramaticalização como um mecanismo independente, subjacente à mudança sintáctica. Mas muitos investigadores não reconhecem o mesmo estatuto à gramaticalização e julgam-na apenas como um processo de mudança que altera as unidades lexicais em unidades funcionais, e não como um mecanismo que explique a mudança sintáctica. A teoria generativa assume esta posição. No quadro generativo, por conseguinte, a gramaticalização é insuficiente como mecanismo explicativo da mudança sintáctica”

Dado o exposto, nesta pesquisa adotaremos a linha de pesquisa gerativa, com isso acreditamos que a gramaticalização é um processo que torna um item lexical num item gramatical, mas não é independente enquanto mecanismo de mudança, antes está associado à mudança de parâmetro (ROBERTS E ROUSSOU, 2003 *apud* GUILHERME, 2009).

Com isso, podemos constatar que, no decorrer dos anos, alguns processos de gramaticalização tomaram forma na língua portuguesa e são esses processos que dão norte à nossa

pesquisa. Estudos recentes sobre esses verbos em contextos existenciais acreditam que existem muitas semelhanças entre as frases possessivas, existenciais, copulativas e locativas. É o que acredita Avelar (2004, 2006) que trabalha com o quadro teórico da Morfologia Distribuída² (MARANTZ, 1997 e 2001), no trabalho desenvolvido por Callou e Avelar (2007) sobre a frequência dos verbos em contextos existenciais no Português Brasileiro, os autores defendem que o que estimula a mudança destes verbos são, precisamente, as propriedades comuns por eles partilhadas: “ (...) a existência de uma mesma estrutura subjacente para as construções possessivas, copulativas e existenciais” (CALLOU E AVELAR, 2007). Com isso buscaremos aqui, verificar, se de fato, é isso que ocorreu no português pernambucano entre os séculos XVIII, XIX e XX.

2.1. Levantamento dos dados

Num primeiro momento, procuramos mapear quais eram as formas mais comuns em contextos existenciais, e se havia concorrência entre alguns verbos, e, para isso, levamos em consideração todos os contextos, particulares e oficiais, mesmo acreditando que existem neles formas diferentes de tratamento, porém, dada a escassez do *corpus* no momento de nossa pesquisa, deixamos para uma pesquisa futura, levar em consideração esse fator, tendo em vista que os contextos são diferentes e, possivelmente, ocorram diferenças.

No século XVIII, foram analisadas 40 cartas oficiais e, nessas cartas, o verbo *ser* apareceu em 526 ocorrências em diversos contextos (cópula, auxiliar, locativa etc.), porém, em contextos existenciais, ocorreram apenas 3, ou seja, 0,57% do total. Já as ocorrências do verbo *ter* apareceram 137 e, em contextos existenciais, ocorreram 39, sendo 28,45% do total. Em relação ao verbo *haver*, este apareceu em 77 sentenças e, com caráter existencial, foram observadas 41 sentenças, o que corresponde a 53,24% das ocorrências.

Observamos que as construções existenciais equivalem a 11,62% do total de ocorrências de *ser*, *ter*, *haver* e *existir* dos dados retirados do nosso *corpus*. A distribuição dos dados, que acabamos de descrever, pode ser melhor observada na descrição feita na tabela abaixo:

Quadro 1. Distribuição das ocorrências dos verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* em cartas do século XVIII

Total de cartas	Total de ocorrências do verbo <i>ser</i> em contextos variados	Total de ocorrências do verbo <i>ter</i> em contextos variados	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> em contextos variados	
40	526	137	77	
	Total de ocorrência do verbo <i>ser</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>ter</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> existencial	Total de ocorrências de <i>existir</i>
	3	39	41	3

Durante a análise do século XVIII, pudemos observar que de uma maneira quantitativa o verbo *ser* é o verbo mais utilizado, porém não é muito utilizado em sentenças existenciais. Outra observação a respeito desse verbo, foi de que, embora com pouca frequência, ele foi encontrado em contextos existencial, mais especificamente, 3 ocorrências. Um fator interessante pra nossa pesquisa foi o fato de que as ocorrências achadas foram encontradas exatamente na 1ª metade do século 18, o que nos leva a acreditar que a partir da segunda metade o seu uso como um verbo existencial não foi tão frequente. Outro fator observado foi o de que há uma concorrência entre o verbo *haver* e o *ter* em contextos existenciais do século XVIII, porém o *haver* se sobressai em relação ao *ter* nesse

² A Morfologia Distribuída (DM, do inglês Distributed Morphology) é um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa, embora seja uma versão não-lexicalista.

tipo de contexto, embora a diferença quantitativa não seja muito considerável. E, em relação ao verbo *existir*, foram encontradas 3 ocorrências. Abaixo podemos observar alguns exemplos das ocorrências desses verbos em contextos existenciais do século XVIII, que encontramos no nosso *corpus*:

- Ex.: 1 “com bom procedimento neste l [fol.2r] Lugar, *que tem sido* no tempo do seu governo.”
 2. Não *tem* commodo para se lhe poder fazer cisterna...
 3. ...onde *ha* huma caza que já se edificou com esse intento.
 4. ...para conduzirem a dita quantidade de Pau que *existe*, eaque poderá crescer do corte em que actualmente Setrabalha

Como mostramos acima, em contextos existenciais do século XVIII, podia-se encontrar o *ser*, *ter*, *haver* ou *existir*, porém ficou evidente a preferência do verbo *haver* existencial em relação aos outros verbos.

Já em relação ao século XIX, foram analisadas 40 cartas, oficiais e particulares, e, nessas cartas, houve 88 ocorrências do verbo *ser* em diversos contextos, e, em contextos existenciais, não foi encontrada nenhuma sentença. Nas ocorrências do verbo *ter*, foram encontradas 36 sentenças, sendo somente 7 em contextos existenciais, ou seja, 19,44% do total de ocorrências. Já em relação ao verbo *haver*, este foram encontradas em 10 ocorrências, sendo 5 existenciais, ou seja, 50% do total. E o verbo *existir* apareceu 6 vezes, tendo seu uso dobrado em relação ao século anterior.

As construções existenciais com *ser*, *ter*, *haver* e *existir*, no século XIX, foram equivalentes a 14,17% do total de ocorrências. Na tabela abaixo, pode-se ter uma visualização dessa distribuição:

Quadro 2. Distribuição das ocorrências dos verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* em cartas do século XIX

Total de cartas	Total de ocorrências do verbo <i>ser</i> em contextos variados	Total de ocorrências do verbo <i>ter</i> em contextos variados	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> em contextos variados	
40	88	36	10	
	Total de ocorrência do verbo <i>ser</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>ter</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> existencial	Total de ocorrências de <i>existir</i>
	0	7	5	6

- Ex.: 1. actual- | mente não *ha* vaga no respectivo quadro,
 2. ...ser construido em Pernambuco, e não *ter* nelle interesse [*inint.*] alguma Estrangeira, fazendo isso serto pelo seo juramento...
 3. tenho a informar a | V. *Excelência* que actualmente não *esiste* | vaga no respectivo quadro.

Como mostramos nos exemplos acima, somente os verbos *ter*, *haver* e *existir* ocorrem em contextos existenciais do século XIX, porém ficou evidente a preferência do verbo *haver* existencial em relação aos outros verbos.

Na análise do século XX foram observadas 37 cartas, oficiais e particulares, e, nas cartas, diferentemente ao que ocorreu nos séculos anteriores, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *ser* existencial, no entanto seu uso em contextos diversificados ainda prevaleceu em relação aos outros verbos, sendo 112 ocorrências nos mais diversos contextos; já o verbo *ter* foi encontrado em 54 sentenças, sendo 7 existenciais, ou seja, 13% do total. Em relação ao *haver*, ele foi encontrado em 14 ocorrências, sendo 11 em contextos existenciais, ou seja, um total de 78,57% das

ocorrências. E o verbo *existir* apareceu 7 vezes. Todas as construções existenciais do século XX correspondem a um total de 13,22% das ocorrências. Na tabela abaixo, encontra-se um panorama dessas construções:

Quadro 3. Distribuição das ocorrências dos verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* nas cartas do século XX

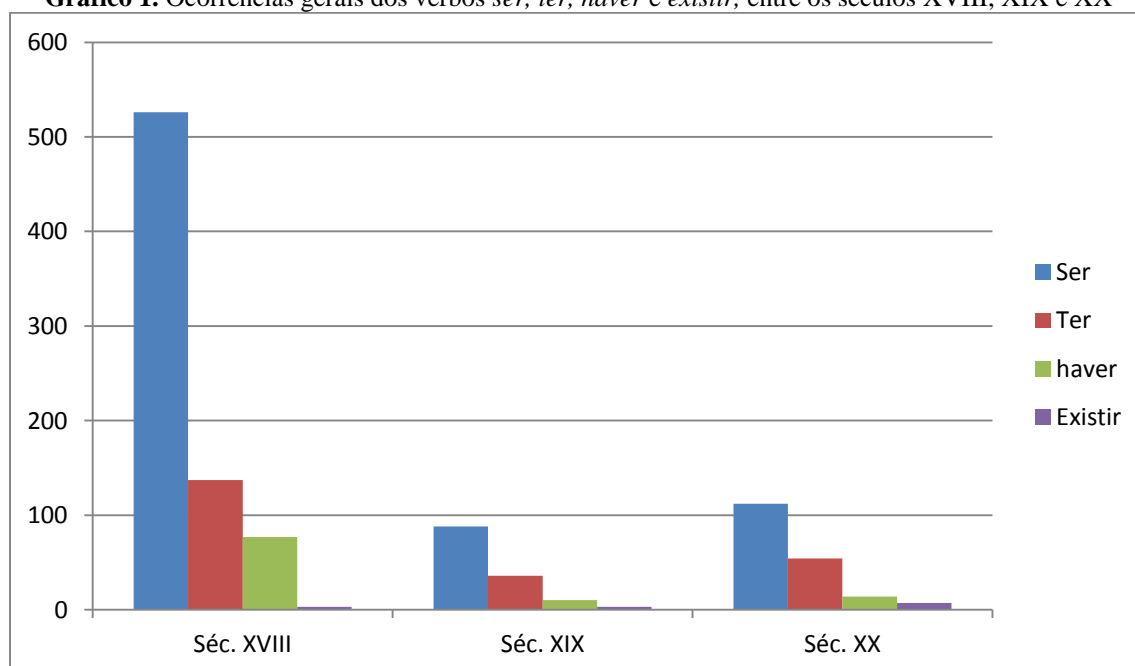
Total de cartas	Total de ocorrências do verbo <i>ser</i> em contextos variados	Total de ocorrências do verbo <i>ter</i> em contextos variados	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> em contextos variados	
37	112	54	14	
	Total de ocorrência do verbo <i>ser</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>ter</i> existencial	Total de ocorrência do verbo <i>haver</i> existencial	Total de ocorrências de existir
	0	7	11	7

- Ex.: 1. Fiz um retiro aqui no Itaquí li que *tem* coisas bem interessantes...
 2. *Havia* um mistério sobre índios que me contavam em criança...
 3. Onde *tem* família e ele me disse que de facto *existia* este lugar mas que os negros já vinha se misturando São estas as informações

No século XX, constatamos uma grande preferência no uso do *haver* nas construções existenciais, porém o verbo *haver* ainda concorre com os verbos *ter* e *existir* nesse tipo de contexto, no entanto o verbo *ser* não aparece em nenhuma ocorrência existencial, mas seu uso quantitativo permanece maior que o dos outros verbos.

De uma forma geral, o total das ocorrências em todos os contextos com os verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* nas 116 cartas (oficiais e particulares) analisadas somam 1.070 casos. Deste total, houve 726 ocorrências com o verbo *ser* em contextos diversos, ou 68% das ocorrências; com o verbo *ter* apareceram 227 ocorrências com o verbo *ter* ou 21,21% das ocorrências e 101 ocorrências com o verbo *haver*, ou 9,4% das ocorrências. O gráfico abaixo permite visualizar a distribuição dos dados citados acima com os verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* em contextos diversos, veja:

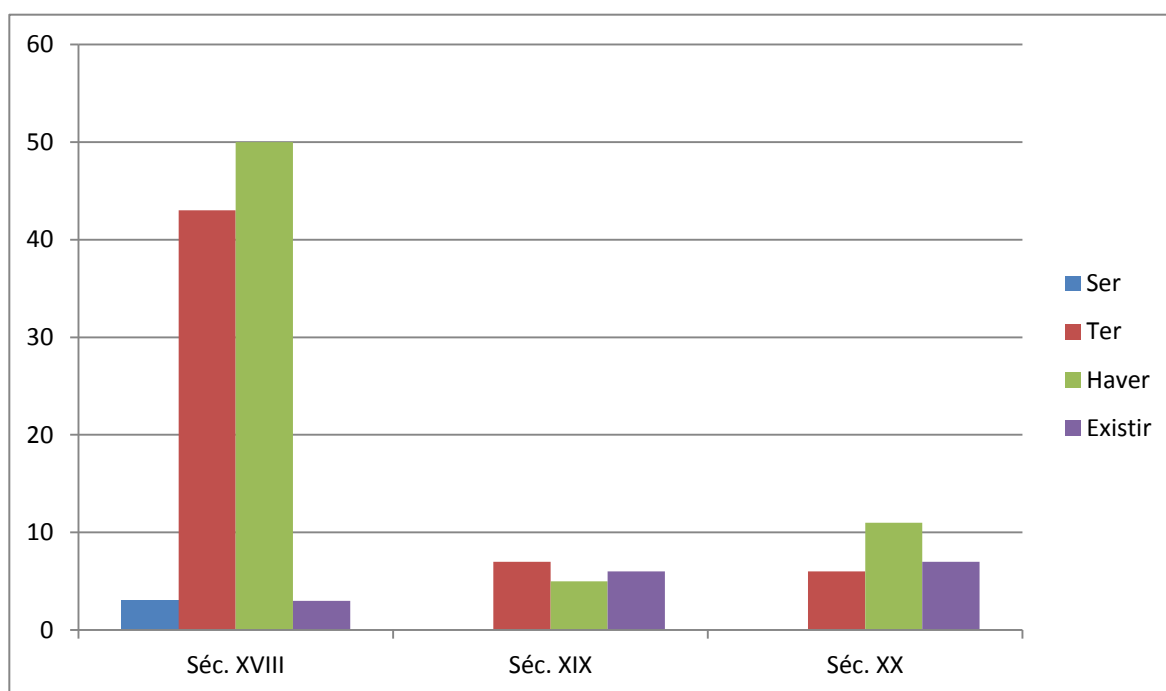
Gráfico 1. Ocorrências gerais dos verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir*, entre os séculos XVIII, XIX e XX



A distribuição dos verbos em contextos diversos do PB mostra o privilégio do *ser* sobre os outros verbos quando se trata de sentenças diferentes das existenciais, percebemos também que no século XVIII o verbo *ter* era mais utilizado e no decorrer do século XIX teve uma queda no quantitativo das ocorrências, porém no século XX houve um pequeno aumento em seu uso. Já o verbo *haver* no século XVIII foi encontrado com mais frequência e no decorrer dos séculos XIX e XX teve seu uso reduzido de maneira considerável. E em relação ao *existir*, percebemos que seu uso foi crescente no decorrer dos séculos, sendo dobrado no século XIX em relação ao XVIII.

No entanto, partindo para uma abordagem quantitativa dos verbos *ser*, *ter*, *haver* e *existir* em contextos existenciais, as ocorrências somam 130 no total em todos os séculos analisados; nestas, o verbo *ser* aparece como existencial em 4 casos, o verbo *ter* atua como existencial em 57 casos; o verbo *haver* preenche essas estruturas 66 vezes e por último o verbo *existir* que aparece 16 vezes. Dessa forma, nota-se que apesar de o verbo *ser* ter um “privilégio”, em relação aos outros verbos, em contextos variados, no contexto existencial não é visto dessa forma, pois no século XX ele não aparece em nenhuma sentença existencial. Já o verbo *ter*, no século XVIII, além de ser muito utilizado em vários contextos, era muito utilizado como existencial, dessa forma, no século XIX ultrapassa quantitativamente o verbo *haver* nesse tipo de contextos. Já o verbo *haver* no século XVIII foi encontrado com mais frequência e no decorrer dos séculos XIX e XX teve seu uso reduzido de maneira considerável. Por último, analisamos o verbo *existir*, que tem seu uso crescente no decorrer dos séculos, chegando ao séc. XX com mais “força” e ultrapassando até o verbo *ter* nesse tipo de contexto. Observe o gráfico abaixo que permite uma melhor exploração dos dados citados anteriormente:

Gráfico 2. Ocorrências dos verbos *Ser*, *Ter*, *Haver* e *Existir* em contextos existenciais entre os séculos XVIII, XIX e XX



Dado o exposto, podemos perceber que o verbo *haver* existencial parece ser o mais optado para a realização de sentenças existenciais, concorrendo com o *ser*, *ter* e *existir* nesses contextos. Porém, em relação à concorrência com o verbo *ser* existencial, ao menos no *corpus* analisado, parece-nos que no século XX e XIX não ocorre mais essa concorrência. Outro ponto interessante, que pode ser visualizado no gráfico, é o fato de no século XIX o verbo *ter* e *existir* superar o verbo *haver* no uso existencial. No entanto esse quadro inverte no século XX quando o *haver* volta a ser o

mais utilizado nesse tipo de contexto. Em relação ao verbo *existir*, constatamos que este verbo teve um aumento em seu uso, no decorrer dos séculos XIX e XX, em relação ao século XVIII.

2.2. Posição do locativo nas sentenças

Os verbos existenciais não selecionam sujeito (sujeito Ø), mas selecionam um argumento interno, Tema. Estes tipos de sintagma nominal podem vir antes do verbo (anteposto) ou após o verbo (posposto). Nas cartas analisadas, observamos, em relação às estruturas sintáticas das sentenças existenciais, que, em sua maioria, parece que essas estruturas são seguidas de elementos locativos expressos por sintagmas adverbiais ou preposicionais, observe as cadeias em itálico abaixo de maneira exemplificada com nosso *corpus* do PHPB-PE:

- (1) *Na praya da cidade de OLinda ha hum Reducto piqueno que chamaõ de| São Francisco...*
- (2) ... actualmente não *ha vaga no respectivo quadro...*
- (3) O que actualmente não *existe vaga no respectivo quadro.*
- (4) “com bomprocedimento neste l [fol.2r] Lugar, *que temsido no tempodo seugoverno.*”
- (5) tenho a informar a | V. Excelência que actualmente não *existe* | *vaga no respectivo quadro.*
(Locativo posposto – Séc. XIX)

Em sentenças de posse com o verbo *ter* o locativo também estava presente, observe abaixo:

- (1) Recebi seu bilhete e lamento não *ter* o livro do Fagner *em / mão* para enviá-lo. (*Corpus PHPB/PE - Séc. XX*)
- (2) Para | isto seria bom acostumar a águia | que o Sr. *tem* *em si* a visitar as Ca-| tacumbas.

Para Avelar (2004), há a presença de um locativo nas sentenças existenciais, locativas, copulares e possessivas (subjacente) e essas construções se assentam em uma estrutura comum, o que ele chama de “paralelismo temático”. Na próxima sessão, iremos explorar melhor essa afirmação, assim como os dados da pesquisa de Ribeiro (1996), que trazem a hipótese de que as etapas de desenvolvimento desses tomaram rumos diferentes e cada etapa de mudança apresenta-se como um novo passo para a gramaticalização. Alguns verbos ao deixarem de ser lexicais se tornam funcionais, mas não necessariamente mudam de categoria. A autora em sua análise buscou observar essa mudança do movimento lexical (V) para a categoria funcional (I) dos verbos *ter* e *haver*. No entanto também traremos propostas para a possível mudança que envolve o verbo *ser* no sentido de existir.

2.3. Os verbos existenciais e a ideia de gramaticalização

Percebemos que no decorrer do tempo os verbos *Ser*, *Ter* e *Haver* apresentam uma abrangência de campos de atuação. No entanto, essa abrangência não se deu desde o início desses verbos, alguns campos foram aparecendo com o passar do tempo através da gramaticalização desses verbos. Sabendo disso, atentamos aqui para a significação existencial desses verbos, a partir das propostas de Ribeiro (1996), para possíveis explicações a respeito da gramaticalização dos verbos existenciais, mais especificamente, os verbos *Ser/ Ter* e *Haver*, tomando como base a análise quantitativa que expomos em seções anteriores.

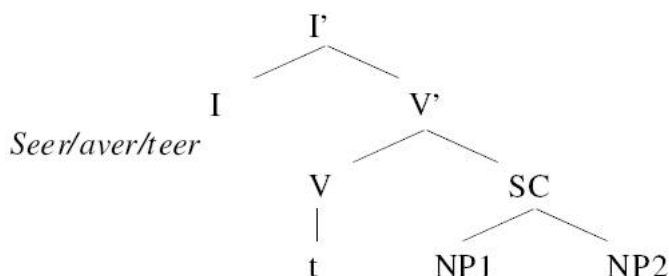
Como sabido, alguns estudiosos acreditam que existem semelhanças entre os verbos existenciais, possessivos e copulares. Avelar (2004) afirma que esses verbos apresentam uma estrutura subjacente comum, nucleada por uma preposição locativa. Porém, apesar dessa estrutura em comum, no decorrer do tempo, foram tomando “rumos” diferentes, a exemplo do verbo *haver*

que, segundo Ribeiro (1996), no português arcaico, já atuava como um auxiliar verbal nas construções de posse e era auxiliar tanto nas perífrases verbais quanto nas construções existenciais, veja os exemplos abaixo:

- (1) “...não sei como *hade ser!*” (Cartas particulares – PHPB/PE – séc. XIX);
- (2) “E por esta razão *houve* já nesta parte hum reducto de área grande” (Cartas Oficiais – PHPB, séc. XVIII)

Aos poucos, *ter* começa a concorrer com *haver* nas construções de posse alienável ou bens adquiríveis, tendo como complemento um sintagma nominal (SN) ou objeto direto, observe “*aver* casa, moeda, poder, medo, ira...”; “*teer* vinho, arca, médio...” (MATTOS E SILVA, 1990 *apud* RIBEIRO, 1996), e, sendo um verbo lexical semanticamente pleno, concorre com *haver* como verbo auxiliar nas perífrases perfectivas e nas construções existenciais. Com o passar do tempo, o verbo *ter* começa a ser mais frequente do que *haver* nas sentenças de posse, vindo a substituir *haver* em todos os tipos de estruturas indicativas de posse ao longo da história da língua portuguesa (MATTOS E SILVA, 2002). Em relação ao verbo *ser*, assim como ressalta Castilho (1997), percebemos que ele passou por um processo de mudança de categoria verbal, dessa forma recebeu propriedades funcionais e sofreu alterações semânticas, deixando de indicar existência no decorrer dos séculos XIX e XX onde não há nenhuma ocorrência do verbo *ser* como verbo indicativo de existência. Esse fator pode ter sido acarretado por alguma mudança na estrutura sintática subjacente a essas estruturas.

A interpretação da estrutura existencial depende essencialmente dos traços lexicais associados ao verbo. As sentenças existenciais, assim como os verbos das construções locativas, selecionam uma *small clause* (SC) em que há atribuição de papel temático³, porém isso talvez não ocorra mais com o verbo *ser* a partir do século XIX, pelo fato de ele não mais aparecer em sentenças existenciais, ao menos na escrita. Na figura abaixo, podemos observar a estrutura existencial proposta por Ribeiro (1996):



A autora levanta a hipótese de que nas estruturas existenciais os verbos *seer*, *teer* e *aver* selecionam uma *Small Clause* (SC) com valor semântico aspectual. A SC é interpretada como um denotador de estado. O quantificador existencial NP1, funciona como um operador locativo que licencia um predicado estrutural, o NP2 indefinido (cf. RIBEIRO, 1996, p. 357). Para Ribeiro (1996, p.343-379), as construções com *ser/ter/aver* coocorriam em contextos semelhantes durante certo período, e esses verbos podem ser vistos em construções existenciais como auxiliares verbais por não estarem associados a papel temático lexical.

Em Viotti (1999, p. 59-61), encontramos que o verbo *ter* começa a fazer parte desse tipo de estrutura existencial quando ele assume quase por completo as construções das sentenças

³ Para Cançado (2005, p. 111), “os papéis temáticos [...] também são assumidos como representações mentais; são noções que dizem respeito à ligação entre conceito mental e sentido [...] O importante ponto concernente aos estudos dos papéis temáticos é a relação do evento com a estrutura conceitual mental, e da estrutura conceitual mental com a sintaxe”.

possessivas. Passando, dessa forma, a substituir *haver* na perífrase de passado indeterminado, nas sentenças que exprimiam posse. E, a partir daí, com a perda da noção de posse de *haver*, a perífrase com este verbo passa para o pretérito perfeito composto.

Para a autora (VIOTTI, 1999, p. 59-62), a perda dos campos de *haver* se deve ao fato de que, geralmente, os verbos nas construções existenciais e de posse costumam serem os mesmos, dessa forma, se na língua houver apenas um verbo auxiliar, este verbo será idêntico ao verbo existencial, e se a língua tiver dois ou mais verbos auxiliares, um deles pode ser usado também como cópula e ser o verbo das construções locativas e de posse.

Após trabalhar as evidências para diferentes estágios de desenvolvimento dos verbos *ter*, *haver* e *ser*, Ribeiro (1996, p.376) determina que cada estágio de mudança apresentasse como um passo para gramaticalização e posteriores reanálise diacrônica desses elementos na história do português. Com isso, ao observar os verbos existenciais no decorrer de três séculos (XVIII, XIX e XX) nos é revelado um processo de gramaticalização desses verbos ao longo da história de nossa língua.

3. Considerações finais

A proposta deste trabalho era descrever o percurso diacrônico dos verbos existenciais (*ser*, *ter* e *haver*) ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, para isso, apresentamos um mapeamento quantitativo do uso desses verbos, assim como buscamos verificar os contextos que favoreciam os mesmos. Dessa forma, apresentamos alguns estudos que abordam o tema, com isso pudemos deduzir que houve um processo de gramaticalização com os verbos *ser*, *ter* e *haver*.

Essa dedução se dá pelo fato de que o verbo *ser* no século XVIII, como mostrado no *corpus* desta pesquisa, aparece em contextos existenciais e já nos séculos XIX e XX, não aparece mais nesse tipo de contextos ao menos na escrita. Além disso, em nosso estudo no português brasileiro, pudemos perceber que o padrão de ocorrência do verbo *haver* revelou uma mudança, uma vez que este verbo deixa de marcar posse e passa a ser existencial, mas que também o verbo *ter* passa a verbo existencial, além de ser um verbo de posse.

De acordo com a Teoria Gerativa, mesmo não tendo um sujeito “superficial”, o traço EPP (Princípio de Projeção Estendido) dessas construções deve ser checado, uma vez que sendo um princípio é universal. Assim, toda língua tem de ter a posição de sujeito preenchida. Dessa forma, o EPP implica que a posição Spec IP sempre será preenchida. Se o verbo possuir um argumento externo esse argumento ocupará a posição de sujeito, no entanto, se só possuir um argumento interno, como é o caso das construções existenciais, das duas uma: (i) ou um expletivo ocupa Spec IP (ii) ou o argumento interno ocupa a posição de sujeito. Dessa forma, somente os verbos inacusativos e existenciais tem o argumento interno na posição de sujeito, ou seja, tem apenas um argumento.

Esse fato foi observado com o verbo *haver* que no decorrer dos séculos foi aparecendo cada vez mais com apenas um argumento e chegando ao século XX apenas com ocorrências com argumento interno, observe mais alguns exemplos do verbo *haver* no século XX:

(1) *Havia* um mistério sobre|índios que me contavam em criança que talvez lhe servisse | para o segundo capítulo:

(2) *Há* um pedaço delicioso em que Christophe |adoece.

Avelar (2004) acredita que as frases possessivas possuem um fator que as existenciais possuem como padrão implícito em contextos de posse e copulares. No entanto, apesar da base estrutural comum, existem diferentes propriedades que as diferenciam. As frases existenciais estabelecem uma relação entre sujeito indefinido e um constituinte locativo (ex.: não *há* | vaga no respectivo quadro - *Corpus* PHPB/PE). Já as estruturas copulares estabelecem uma relação entre um constituinte definido e outro espaço-temporal (Ex.: “com bomprocedimento neste l [fol.2r] Lugar, *que temsido* no tempodo seugoverno.” - *Corpus* PHPB/PE). Se tratando das

sentenças possessivas (Ouhalla (1998) e Harley (2001) *apud* Avelar, 2004), o comportamento depende de a língua possuir ou não verbo de posse em seu léxico, se não houver, o sistema linguístico usa o verbo existencial ou o copulativo.

Porém, essas questões levantadas serão mais aprofundadas e verificadas futuramente em novas pesquisas, principalmente no que diz respeito ao verbo *ser* e seu possível desaparecimento das sentenças existenciais, pois acreditamos que existe a necessidade de o *corpus* ser ampliado e mais explorado.

4. Referências

- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.
- AVELAR, J. *Dinâmicas morfossintáticas com 'ter', 'ser' e 'estar' em português brasileiro*, Dissertação de mestrado, IEL-Unicamp, 2004.
- AVELAR, J. *De Verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de HAVER no português brasileiro*. Porto Alegre: Letras hoje, 2006.
- CASTILHO, A. T. A gramaticalização. *Estudos linguísticos e literários*. Salvador: UFBA, 1997.
- CANÇADO, M. Manual de semântica: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- GONÇALVES, E. Construções existenciais com o verbo ser no português europeu escrito: Um estudo comparativo. *Anais do SETA*, n. 4, IEL/UNICAMP, 2010.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- MATEUS, M. H. M. et al. Gramática da Língua Portuguesa. 6.ed.Lisboa:Caminho, 2004.
- MATTOS E SILVA, R. V; Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V; MACHADO FILHO, A. V. L. *O Português quinhentista*. EDUFBA, 2002.
- RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas TER, HAVER E SER. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- SILVA, R. V. M. A variação 'haver/ter'. In: SILVA, R. V. M. (Org.). *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 181-93.
- VIOTTI, E. *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*. 300 f. Tese (Doutorado em Linguística). Departamento de Linguística. Universidade de São Paulo: São Paulo, 1999.